

O corregedor, nesse mesmo dia, ordenou que se preparassem mulher e filhas para no dia imediato saírem de Viseu com tudo que pudesse ser transportado em cavalgadas.

Vou descrever a singela e dorida reminiscência duma senhora daquela família, como a tenho em carta recebida há meses:

«Já lá vão cinquenta e sete anos, e ainda me lembro, como se fossem ontem passados, os tristes acontecimentos da minha mocidade. Não sei como é que tenho hoje mais clara a memória das coisas da infância. Parece-me que, há trinta anos, me não lembravam com tantas circunstâncias e pormenores.

Quando a mãe disse a mim e a minhas irmãs que preparássemos os nossos baús, rompemos todas num choro, que irritou a ira do pai. As manas, como mais velhas ou mais afeitadas ao castigo, calaram-se logo: eu, porém, que só uma vez e unicamente por causa de Simão tinha sido castigada, continuei a chorar, e tive o inocente valor de pedir ao pai que me deixasse ir ver o mano à cadeia antes de sairmos de Viseu. Então fui castigada pela segunda vez, e asperamente.

O criado, que levou o jantar à cadeia, voltou com ele e contou-- nos que Simão já tinha alguns móveis no seu quarto, e estava jantando com exterior sossegado. Àquela hora todos os sinos de Viseu estavam dobrando a finados por alma de Baltasar. Ao pé dele disse o criado que estava uma formosa rapariga da aldeia, triste e coberta de lágrimas. Apontando-a ao criado que a observava, disse Simão: – A minha família é esta.

No dia seguinte, ao romper da manhã, partimos para Vila Real. A mãe chorava sempre; o pai, encolerizado por isso, saiu da liteira em que vinha com ela, fez que eu passasse para o seu lugar, e fez toda a jornada na minha cavalgada.

Logo que chegámos a Vila Real, eram tão frequentes as desordens em casa, à conta do Simão, que meu pai abandonou a família, e foi sozinho para a quinta de Montezelos. A mãe quis também abandonar-nos e ir para os primos de Lisboa, a fim de solicitar o livramento do mano. Mas o pai, que fizera uma espantosa mudança de génio, quando tal soube, ameaçou a minha mãe de a obrigar judicialmente a não sair de casa de seu marido e filhas.

Escrevia a mãe a Simão, e não recebia resposta. Pensava ela que o filho não respondia: anos depois, vimos entre os papéis de meu pai todas as cartas que ela escrevera. Já se vê que o pai as fazia tirar no correio.

Uma senhora de Viseu escreveu à mãe, louvando-a pelo muito amor e caridade com que ela acudia às necessidades do seu infeliz filho. Esta carta foi-lhe entregue por um almocreve; quando não, teria o destino das outras. Espantou-se minha mãe do conceito em que a tinha a sua amiga, e confessou-lhe que não o tinha socorrido, porque o filho rejeitara o pouco que ela quisera fazer em seu bem. A isto respondeu a senhora de Viseu que uma rapariga, filha dum ferrador, estava vivendo nas vizinhanças da cadeia, e cuidava do preso com abundância e limpeza, e a todos dizia que ali estava por ordem e à custa da senhora D. Rita Preciosa. Acrescentava a amiga de minha mãe que algumas vezes mandara chamar a bela moça e lhe quisera dar alguns cozinhados mais esquisitos para o Simão, os quais ela rejeitava, dizendo que o senhor Simão não aceitava nada.

De tempos a tempos recebíamos estas novas, sempre tristes, porque na ausência de meu pai, conspiraram, como era de esperar, quase todas as pessoas distintas de Viseu contra o meu desgraçado irmão.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

A mãe escrevia aos seus parentes da capital implorando graça régia para o filho; mas aquelas cartas não saíam do correio, e iam dar todas à mão de meu pai.

E que fazia este, entretanto na quinta, sem família, sem glória, nem recompensa alguma a tantas faltas? Rodeado de jornaleiros, cultivava aquele grande montado aonde ainda hoje, por entre os tojos e urzes, que voltaram com o abandono, se podem ver relíquias de cepas plantadas por ele. A mãe escrevia-lhe lastimando o filho; meu pai apenas respondia que a justiça não era uma brincadeira, e que na antiguidade os próprios pais condenavam os filhos criminosos.

Teve a minha mãe a afoiteza de se lhe apresentar um dia, pedindo licença para ir a Viseu. Meu inexorável pai negou-lha, e invectivou-a furiosamente.

Passados sete meses, soubemos que Simão tinha sido condenado a morrer na forca, levantada no local onde fizera a morte. Fecharam-se as janelas por oito dias; vestimos de luto, e minha mãe caiu doente.

Quando isso se soube em Vila Real, todas as pessoas ilustres da terra foram a Montezelos, a fim de obrigarem brandamente o pai a empregar o seu valimento na salvação do filho condenado. De Lisboa vieram alguns parentes protestar contra a infâmia, que tamanha ignomínia faria recair sobre a família. Meu pai a todos respondia com estas palavras: – A forca não foi inventada somente para os que não sabem o nome do seu avô. A ignomínia das famílias são as más acções. A justiça não infama senão aquele que castiga.

Tínhamos nós um tio-avô, muito velho e venerando, chamado António da Veiga. Foi este quem fez o milagre, e foi assim: Apresentou-se a meu pai e disse-lhe: – Guardou-me Deus a vida até aos oitenta e três anos. – Poderei viver mais dois ou três? Isto nem já é vida: mas foi-o, e honrada, e sem mancha até agora, e já agora há-- de assim acabar; meus olhos não hão-de ver a desonra de sua família. Domingos Botelho, ou tu me prometes aqui de salvar teu filho da forca, ou eu na tua presença me mato. – E, dizendo isto, apontava ao pescoço uma navalha de barba. Meu pai teve-lhe mão do braço, e disse-lhe que Simão não seria enforcado.

No dia seguinte, foi meu pai para o Porto, onde tinha muitos amigos na Relação, e de lá para Lisboa. (4)

Em princípio de Março de 1805, soube minha mãe, com grande prazer, que Simão fora removido para as cadeias da Relação do Porto, vencendo os grandes obstáculos que opuseram a essa mudança os queixosos, que eram Tadeu de Albuquerque e as irmãs do morto. Depois...»

(4) Nalguns papéis que possuímos do corregedor de Viseu achámos esta carta: «Meu amigo, colega e senhor. Entregará ao portador desta, que é o senhor padre Manuel de Oliveira, as cinquenta moedas em que lhe falei na sua passagem para Lisboa. A apelação de seu filho está a meu cuidado, e está segura, apesar das grandes forças contrárias. Seu amigo – O desembargador António José Dias Mourão Mosqueira – Porto, 11 de Fevereiro de 1805. Sobrescrito: II.mo Sr. Dr. Domingos José Correia Botelho de Mesquita Meneses – Lisboa.» (Nota do Autor)

Suspendemos aqui o extracto da carta, para não anteciparmos a narrativa de sucessos, que importa, em respeito à arte, atar no fio cortado. Simão Botelho vira imperturbável chegar o dia do julgamento. Sentou-se no banco dos homicidas sem patrono, nem testemunhas de defesa. Às perguntas respondeu com o ânimo frio daquelas respostas ao interrogatório do juiz. Obrigado a explicar a causa do crime, deu-a com toda a lealdade, sem articular o nome de Teresa Clementina de Albuquerque. Quando o advogado da acusação proferiu aquele nome, Simão Botelho ergueu-se de golpe, e exclamou:

– Que vem aqui fazer o nome de uma senhora a este antro de infâmia e sangue? Que miserável acusador está aí, que não sabe, com a confissão do réu, provar a necessidade do carrasco sem enlamear a reputação duma mulher? A minha acusação está feita: eu a fiz; agora a lei que fale, e cale-se o vilão que não sabe acusar sem infamar.

O juiz impôs-lhe silêncio. Simão sentou-se, murmurando:

– Miseráveis todos!

Ouviu o réu a sentença de morte natural para sempre na forca, arvorada no local do delito. E ao mesmo tempo saíram dentre a multidão uns gritos dilacerantes. Simão voltou a face para as turbas, e disse:

– Ides ter um belo espectáculo, senhores! A forca é a única festa do povo! Levai daí essa pobre mulher que chora: essa é a criatura única para quem o meu suplício não será um passatempo.

Mariana foi transportada em braços à sua casinha, na vizinhança da cadeia. Os robustos braços que a levaram eram os do seu pai.

Simão Botelho, quando, em toda a agilidade e força dos dezoito anos, ia do tribunal ao cárcere, ouviu algumas vozes que se alternavam deste modo:

– Quando vai ele a padecer?

– É bem feito! Vai pagar pelos inocentes que o pai mandou enforcar.

– Queria apanhar a morgada à força de balas!

– Não que estes fidalgos cuidam que não é mais senão matar!...

– Matasse ele um pobre, e tu verias como ele estava em casa!

– Também é verdade!

– E como ele vai de cara no ar!

– Deixa ir, que não tarda quem lha faça cair ao chão!...

– Dizem que o carrasco já vem pelo caminho.

– Já chegou de noite, e trazia dois cutelos numa coifa.

– Tu viste-o?

– Não; mas disse a minha comadre que lho dissera a vizinha do cunhado da irmã, e que o carrasco está escondido numa enxovia.

– Tu hás-de levar os pequenos a ver o padecente?

– Pudera não! Estes exemplos não se devem perder.

– Eu cá por mim já vi enforcar três, que me lembre, todos por matadores.

– Por isso tu, há dois anos, não atiraste com a vida do Amaro

Lampreia a casa do diabo!...

– Assim foi; mas, se eu o não matasse, matava-me ele.

– Então de que voga o exemplo?!

– Eu sei cá de que voga? O frei Anselmo dos franciscanos é que prega aos pais que levem os filhos a verem os enforcados.

– Isso há-de ser para não o esfolarem a ele, quando ele nos esfolia com os peditórios.

Tão desassombrado ia o espírito de Simão, que algumas vezes lhe esvoaçou nos lábios o sorriso, desafiado pela filosofia do povo acerca da forca.

Amor de Perdição – Camilo Castelo Branco

Recolhido ao seu quarto, foi intimado para apelar, dentro do prazo legal. Respondeu que não apelava, que estava contente da sua sorte, e de boas avenças com a justiça.

Perguntou por Mariana, e o carcereiro lhe disse que a mandava chamar. Veio João da Cruz, e a chorar se lastimou de perder a filha, porque a via delirante a falar em força, e a pedir que a matassem primeiro. Agudíssima foi então a dor do académico ao compreender, como se instantaneamente lhe fulgurasse a verdade, que Mariana o amava até ao extremo de morrer. Por momentos, se lhe esvaiu do coração a imagem de Teresa, se é possível assim pensá-lo. Vê-la-ia porventura como um anjo redimido em serena contemplação do seu Criador; e veria Mariana como o símbolo da tortura, morrer a pedaços, sem instantes de amor remunerado que lhe dessem a glória do martírio. Uma, morrendo amada; outra, agonizando, sem ter ouvido a palavra «amor» dos lábios que escassamente balbuciavam frias palavras de gratidão.

E chorou então aquele homem de ferro. Chorou lágrimas que valiam bem as amarguras de Mariana.

– Cuide de sua filha, senhor Cruz! – disse Simão com fervente súplica ao ferrador – Deixe-me a mim, que estou vigoroso e bom. Vá consolar essa criatura, que nasceu debaixo da minha má estrela. Tire-a de Viseu: leve-a para sua casa. Salve-a, para que neste mundo fiquem duas irmãs que me chorem. Os favores que me tem feito, já agora dispensa-os a brevidade da minha vida. Daqui a dias mandam-me recolher ao oratório: bom será que sua filha ignore.

De volta, João da Cruz achou a filha prostrada no pavimento, ferida no rosto, chorando e rindo, demente, em suma. Levou-a amarrada para sua casa, e deixou a cargo doutra pessoa a sustentação do condenado.

Terribilíssimas foram então as horas solitárias do infeliz. Até àquele dia, Mariana, benquista do carcereiro e protegida pela amiga de D. Rita Preciosa, tinha franca entrada no cárcere a toda a hora do dia, e raras horas deixava sozinho o preso. Costurava, enquanto ele escrevia, ou cuidava do amanhã e limpeza do quarto. Se Simão estava no leito doente ou prostrado, Mariana, que tivera alguns princípios de escrita, sentava-se à banca, e escrevia cem vezes o nome de *Simão*, que muitas vezes as lágrimas deliam. E isto assim, durante sete meses, sem nunca ouvir proferir a palavra amor. Isto assim, depois das vigílias nocturnas, ora em preces, ora em trabalho, ora no caminho de sua casa, onde ia visitar o pai a desoras.

Nunca mais o preso, na perspectiva da forca, viu entrar aquela doce criatura no limiar da ferrada porta, que lhe graduava o ar medindo e calculando para que as inteiras honras da asfixia as gozasse o cordel do patíbulo. Nunca mais!

E, quando evocava a imagem de Teresa, um capricho dos olhos quebrantados lhe afigurava a visão de Mariana ao par da outra. E lagrimosas via as duas. Saltava então do leito, fincava os dedos nos espessos ferros da janela, e pensava em partir o crânio contra as grades.

Não o sustinha a esperança na Terra, nem no Céu. Raio de luz divina jamais penetrou no seu ergástulo. O anjo da piedade encarnara naquela criatura celestial, que enlouquecera, ou voltara para o Céu com o espírito dela. O que o salvava do suicídio não era pois esperança em Deus, nem nos homens; era este pensamento: «Afinal, *cobarde!* Que bravura é morrer quando não há esperança de vida?! A forca é um triunfo, quando se encontra ao cabo do caminho da honra!».